

Divulgação



Acima, Margaret Qualley e Bennie Safdie em 'Stars at Noon', da realizadora Claire Denis, vencedor do Grande Prêmio do Júri no Festival de Cannes

Jens Koch/Berlinale

Paixão nos tempos de Claire Denis

Apesar da demora em chegar ao Brasil, 'Stars at Noon', que deu à cultuada diretora francesa o Grande Prêmio do Júri do Festival de Cannes, candidata-se a cult na Prime Video da Amazon

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Com filme novo ("The Fence") em gestação, com Matt Dillon e Isaach De Bankolé no elenco, a cineasta francesa Claire Denis, de 79 anos, viveu um 2022 mágico, depois de ser contemplada com o Urso de Prata de Melhor Direção na Berlinale por "Com Amor e Fúria" e ao receber o Grande Prêmio do Júri do Festival de Cannes por uma joia que nunca teve espaço em circuito entre nós. "Stars at Noon" é seu título. Apesar de não ter arrumado lugar em salas exibidores, essa produção se candidata a cult no Prime Video da Amazon, onde está disponível para venda e locações. Consagrado

no Palais des Festivals da Croisette, esse estudo de personagem regado a erotismo acabou indo pra telinha, consagrando um veio estético dos mais caudalosos do audiovisual. Na mesma plataforma, encontram-se outros longas de Claire, como "O Intruso" (2004) e "Chocolate" (1988).

"Fazer cinema é um processo penoso e não gosto que me apressem", disse a cineasta em Cannes, ao explicar ao Correio da Manhã o método como trabalha. "O que eu busco num filme é o extraordinário que existe em cada expressão, tentando entender as emoções por trás de cada gesto, cada olhar".

Cultuada por "Nenette e Boni" (Leopardo de Ouro no Festival de Locarno, em 1996), "Bom Trabalho" (ganhador de menção especial na Berlinale de 2000),



"High Life" (Prêmio da Crítica em San Sebastián em 2018) e outras pérolas, Claire foi rodar "Stars at Noon" no Panamá, embora a trama que se passe entre lá e a Nicarágua dos dias de hoje, apesar das várias referência ao tempo da revolução sandinista, entre os anos 1980 e 1990. A base do longa foi o romance homônimo de Denis Johnson, que a cineasta devorou há uns treze anos. Margareth Qualley (a protagonista da série "Maid") é a protagonista.

"Eu queria filmar com Robert Pattinson, a quem admiro muito e com quem fiz 'High Life'. Ele queria também e estava tudo certo, até que ele ficou preso nos compromissos com o novo 'Batman', e com atrasos ligados à covid-19. Aí eu consegui Joe Alwyn, que é um ator magnífico também", conta Claire.

Freelancer sem página em branco ou post pra preencher, Trish, a personagem de Qualley em "Stars at Noon" vive mal do Jornalismo, em especial no canteiro da Nicarágua, vetorizado por dilemas políticos da Costa Rica, pra onde escolheu viajar. A viagem partiu de um princípio de indistigável xenofobia: "Eu queria ver o tamanho que o Inferno pode ter, por isso vim".

Sob a bela da fotografia de Éric Gautier, vemos Trish penar. Existe a luta por dinheiro, que arrasta a repórter por mil armazéns e a um papo (genial) via Zoom com um editor, interpretado por John C. Reilly - em rápida e impagável participação. Existe a CIA, que zumbe feito mosca sobre a carniça das finanças costa-ricenses (boa parte da ação do longa se refere à Costa Rica, apesar de se fincar na Nicarágua). Existem autoridades querendo saber por qual motivo Trish ainda não voltou pra casa, na América. Cabe ao diretor e ator Bennie Safdie dar vida ao agente que investiga as ações de Trish. Há ainda uma dona de hotel que zanga sempre que a americana pede para usar o telefone. E existe a pandemia. Mas, apesar de tudo isso, o encontro com um inglês de fino trato, Daniel (Joe Alwyn), sacoleja a vida e o coração da jornalista.

'Reações aos que vivemos'

"Foi uma experiência riquíssima filmar na América Latina e conhecer uma série de bons atores e atrizes cheios de desejo para participar da nossa história. Tenho parentes no Brasil, o que me aproxima das Américas, e tenho um passado de vivência familiar em outros continentes o que me leva a olhar a realidade não pela estranheza, mas pela empatia. O que passamos no período da covid-19, na pandemia, foi assustador, pois isolou as pessoas separou convívios. Esses filmes que fiz mais recentemente têm reações ao que vivemos", disse Claire ao Correio em Cannes. "Fomos privados de muita coisa com a pandemia. Eu fiquei em casa, lendo, cozinhando, ouvindo música. Mas muita gente não teve essa facilidade. Foi difícil sobreviver. Ainda é".

Recentemente, a Reserva Imovision lançou em sua plataforma um dos melhores filmes de Claire: "Deixe a Luz Do Seu Entrar" (2017). A trama narra as peripécias amorosas de Isabelle (papel de Juliette Binoche), uma artista parisiense atrás do amor verdadeiro ao fim de um casamento infeliz. Uma série de encontros e desencontros emotivos vai dar um tônus de derrota em sua procura pelo querer, envolvendo diferentes homens vividos por atores como Xavier Beauvois e Alex Descas. "A vivência do amor não é estável", disse Claire. "Ele nos cerca de formas novas, sem rótulos".